

**CADERNO DE SUGESTÕES PARA O(A)
EDUCADOR(A) MEDIADOR(A)**



MATERIAL ELABORADO POR
FERNANDA EMEDIATO

CARTA AO(À) EDUCADOR(A) MEDIADOR(A)

Queridos(as) educadores(as) e mediadores(as),

A obra que você tem em mãos, *Mapin & Guari em uma jornada pela cidade*, de Gustavo Rosseb, integra o PNLD Literário Equidade – Objeto 4 e é indicada para os Anos Finais do Ensino Fundamental, especialmente 6º e 7º anos. A obra está inscrita na Categoria 5 – Populações do Campo, das Águas e das Florestas e pertencente ao gênero fábulas, lendas e mitos.

A narrativa acompanha dois personagens do folclore amazônico: os irmãos mapinguaris Mapin e Guari. Ao saírem da floresta para visitar a cidade em busca de um dentista, eles embarcam em uma jornada repleta de descobertas e desafios. O ponto de partida, aparentemente simples, desencadeia encontros com figuras míticas e humanas, revelando diferenças culturais, dilemas ambientais e questões sociais.

A obra alia humor, encantamento e reflexão crítica. Curiosos e destemidos, Mapin e Guari enfrentam o desconhecido com coragem, ternura e amizade, demonstrando que a curiosidade pode ser motor de conhecimento e que os vínculos afetivos transformam o modo como enxergamos o mundo.

Do ponto de vista estético, a narrativa apresenta linguagem envolvente e poética, apoiada em ilustrações expressivas que dialogam com o simbólico e o fantástico. As imagens ampliam o sentido do texto e celebram a diversidade da floresta amazônica, trazendo à cena personagens do folclore brasileiro, como os mapinguaris, ao lado de figuras já conhecidas, como o Saci e Naiá (Vitória-Régia). A obra também valoriza a cultura alimentar da região amazônica brasileira, integrando à história alimentos emblemáticos, como o açaí, a banana-da-terra, o caldo de tucupi e o tucumã, que fazem parte da vida cotidiana dos protagonistas e reforçam a ligação entre narrativa, território e identidade cultural.

Da perspectiva da ética, o livro promove o respeito mútuo, o direito à saúde, a valorização dos povos da floresta e a reflexão sobre desigualdades sociais. Ao abordar a amizade, a empatia, a fome, a preservação ambiental e o encontro entre saberes tradicionais e modos de vida urbanos, a obra se alinha aos princípios do PNLD Literário Equidade, contribuindo para a formação cidadã e para o reconhecimento da pluralidade cultural brasileira.

O protagonismo de personagens oriundos da tradição oral amazônica em *Mapin & Guari em uma jornada pela cidade* fortalece o diálogo intercultural e valoriza referências culturais muitas vezes invisibilizadas no currículo escolar. Assim, a obra é um convite para que os estudantes reflitam sobre pertencimento, deslocamento, identidade e diversidade, aprendendo que crescer é também descobrir mundos – e que cada descoberta se transforma pela amizade, pelo respeito e pela imaginação.

Desejamos que esta história inspire sua prática educativa e proporcione ao corpo estudantil alegria, sensibilidade e novas formas de ver o mundo. Que Mapin e Guari, com sua curiosidade encantada e sua amizade inabalável, acompanhem as crianças em suas próprias jornadas de crescimento e descoberta.

Equipe editorial

CONTEXTO DE PRODUÇÃO, PERTINÊNCIA DA OBRA E PÚBLICO LEITOR

A obra



Título: *Mapin & Guari em uma jornada pela cidade*

Editora, edição e ano: Barsa, 2ª edição, São Paulo, 2025

Autoria: Gustavo Rosseb

Ilustrações: Paulo Coruja

Gênero literário: Fábulas, lendas e mitos

Categoria do PNLD Literário Equidade: Categoria 5 – Populações do Campo, das Águas e das Florestas

Objeto: Objeto 4 – Anos Finais do Ensino Fundamental

Sinopse:

Mapin e Guari são dois irmãos mapinguaris que deixam a floresta em busca de um dentista na cidade grande. Entre aventuras, encontros com figuras do folclore e descobertas sobre o mundo urbano, eles vivem uma jornada divertida e repleta de aprendizados sobre amizade, coragem e diversidade cultural.

Indicação pedagógica:

Principalmente para o 6º ao 7º ano do Ensino Fundamental – Anos Finais (estudantes de aproximadamente 11 a 13 anos).

Pedagogicamente:

A obra aborda o diálogo entre saberes da floresta e da cidade, valorizando personagens do folclore amazônico e discutindo temas como identidade cultural, preservação ambiental, fome, desigualdades sociais, empatia e pertencimento. A narrativa possibilita reflexões sobre a importância da diversidade cultural brasileira, os desafios socioeconômicos do país e o respeito às múltiplas formas de viver e de aprender.

O autor

Gustavo Rosseb nasceu em São Paulo, em 1985, e construiu uma trajetória artística marcada pela diversidade de linguagens e pela valorização da cultura brasileira em suas expressões mais contemporâneas. Formado em Rádio e TV, Rosseb transita com fluência entre a música, o cinema e a literatura, consolidando-se como um criador multifacetado que combina referências populares e sofisticadas em obras que dialogam com públicos diversos.

Na música, atua como cantor, compositor e instrumentista, com trabalhos tanto em carreira solo quanto em grupo. Suas canções – muitas delas acompanhadas de videoclipes premiados – já circularam por importantes festivais nacionais e internacionais, como o *Rock in Rio* e o

South by Southwest (SXSW), nos Estados Unidos. Com uma sonoridade que revisita ritmos da música brasileira em arranjos contemporâneos, seu trabalho musical é reconhecido por aliar apuro estético e lirismo poético.

Como roteirista, Rosseb tem se destacado por produções que exploram o imaginário, o suspense e o fantástico, com passagens pela publicidade, cinema e televisão. Sua atuação no audiovisual inclui desde videoclipes e campanhas até roteiros de longa-metragem, além de colaborações autorais em trilhas sonoras.

Na literatura, construiu um universo próprio que combina fantasia, ficção científica e elementos do folclore brasileiro. Sua escrita se destaca por reinventar mitos e lendas nacionais com frescor narrativo, ampliando o alcance dessas tradições para novos públicos. É uma das vozes que oferecem um novo fôlego à literatura de inspiração folclórica, aproximando-a da linguagem moderna da cultura pop e da literatura juvenil.

Gustavo Rosseb é, acima de tudo, um artista de encruzilhadas: entre o rural e o urbano, o ancestral e o tecnológico, o popular e o contemporâneo. Sua obra reflete um compromisso com a invenção de mundos narrativos que, embora ficcionais, convidam o leitor, o ouvinte ou o espectador a refletir sobre o real e suas maravilhas, contradições e possibilidades.

O ilustrador

Nascido em São Paulo, em 1977, Paulo Coruja é ilustrador, designer e músico, artista de múltiplos talentos cuja trajetória criativa é marcada por um olhar atento à natureza, às narrativas populares e às paisagens do interior. Desde a infância, demonstrava fascínio pelo desenho e pelos pássaros que cruzavam o céu rural, registrando em traços as cenas que povoavam sua imaginação. Essa sensibilidade visual e narrativa o acompanhou ao longo da vida e se transformou em ofício.

Seu trabalho como ilustrador revela uma estética singular que combina o rigor do design com a leveza da arte intuitiva, muitas vezes inspirada pela vida no campo, pelas estradas rurais e pelas boas histórias que circulam entre gerações. Suas ilustrações evocam um universo poético e próximo da terra, com personagens expressivos e composições que ampliam o sentido dos textos literários que acompanham.

Além das artes visuais, Paulo Coruja também atua na música como cantor, compositor e gaitista. Com álbuns lançados e participações em diversos projetos, explora linguagens populares como o blues e a música caipira em releituras contemporâneas.

Artista de forte conexão com o imaginário brasileiro, Coruja constrói pontes entre tradição e invenção, rural e urbano, palavra e imagem. Seu trabalho visual e musical compartilha uma mesma vocação: traduzir emoções, territórios e memórias em expressões artísticas sensíveis, acessíveis e cheias de identidade. É um criador que acredita no poder das pequenas histórias e nas imagens que nos acompanham desde a infância – sejam elas traçadas a lápis ou entoadas em canção

Por dentro da história

Mapin & Guari em uma jornada pela cidade conta a aventura de um par de irmãos nada comuns: dois mapinguaris, seres míticos da floresta amazônica que lembram preguiças gigantes com a boca no meio da barriga. Tudo começa com uma dor de dente que atormenta Mapin. Diante do problema, Guari, sempre cheia de ideias, sugere algo impensável para os dois: sair da segurança da mata e enfrentar o desconhecido em busca de um dentista na cidade. É dessa situação cotidiana, tão próxima da vida das crianças, que nasce a aventura, carregada de descobertas e reflexões sobre saúde, acolhimento e adaptação.



Logo ao chegar na cidade, os protagonistas se espantam com os prédios que parecem tocar o céu, o barulho incessante das ruas e os olhares curiosos de quem nunca viu criaturas como eles. O choque entre a calma da floresta e a agitação urbana escancara o estranhamento cultural. Nesse cenário, os irmãos cruzam o caminho de figuras lendárias que também habitam o imaginário popular. Entre elas está o irreverente Saci Pororó, que, com sua malícia e esperteza, traz à tona o vigor da tradição oral brasileira, lembrando que os mitos se reinventam tanto na mata quanto na cidade.

O humor aparece em passagens como a visita ao salão Cabeça de Cuia, onde a fabulação folclórica se mistura ao dia a dia urbano, mostrando como tradição e modernidade podem conviver num mesmo espaço narrativo. A história também apresenta momentos de grande densidade simbólica, como o

encontro com Naiá, a Vitória-Régia. Ela surge como guardiã da memória e da natureza, chamando atenção para escolhas de vida mais equilibradas. “Fico muito feliz quando as pessoas se alimentam com as coisas saudáveis que a natureza dá. Esse é um jeito de ensinar como se alimentar sem machucar o meio ambiente” (p.44), Naiá afirma em uma fala que ecoa como lição ancestral.

A história também não foge das questões sociais. Um dos trechos mais fortes acontece quando Mapin e Guari encontram Melina, uma menina marcada pela fome: “Contou aos dois que vendia balas para os motoristas dos carros que paravam quando o farol ficava vermelho e só assim conseguia dinheiro para comprar alguma coisa para comer” (p. 52). A cena, simples e direta, abre espaço para conversas sobre desigualdade e direito à dignidade. O olhar solidário dos irmãos diante da dor da menina mostra às crianças leitoras que empatia é também uma forma de coragem.

Quando voltam à floresta, Mapin e Guari já não são os mesmos. O caminho percorrido os transformou: aprenderam a confiar, acolher, respeitar e ver a diversidade como fonte de riqueza. A dor de dente, que parecia apenas um incômodo trivial, revela-se metáfora das fragilidades que nos aproximam uns dos outros. A curiosidade de Guari, por sua vez, funciona como motor do conhecimento, e a amizade entre os dois irmãos se torna imagem da solidariedade que sustenta qualquer travessia.

Mais do que uma simples aventura, este livro é um convite à reflexão sobre pertencimento, identidade e convivência. Ao reunir humor, poesia visual e personagens do folclore amazônico, *Mapin & Guari em uma jornada pela cidade* se coloca como uma fábula contemporânea que une fantasia e crítica social. É uma obra que educa pela imaginação,

abrindo espaço para que leitores reflitam sobre equidade, respeito e a pluralidade cultural que compõe o Brasil.

Qualidade do texto literário, seu gênero e projeto gráfico

Mapin & Guari em uma jornada pela cidade, de Gustavo Rosseb, apresenta uma narrativa de ritmo ágil e envolvente, construída em capítulos curtos que equilibram humor, fantasia e crítica social. O vocabulário é acessível, mas não simplificado, oferecendo aos leitores dos Anos Finais do Ensino Fundamental uma linguagem rica, marcada por imagens poéticas e diálogos vivos que favorecem tanto a leitura individual quanto a mediação em sala de aula.

A obra se insere no gênero fábulas, lendas e mitos, pois recupera figuras da tradição oral amazônica e do folclore brasileiro, reelaborando-as em chave contemporânea. Ao transformar os mapinguaris em protagonistas infantis e aproximar seres lendários do cotidiano urbano, o texto cria uma ponte entre tradição e modernidade, sem perder a força simbólica que caracteriza esse gênero literário.



As ilustrações de Paulo Coruja, como a do Saci Pororó, são vibrantes e dinâmicas.

O projeto gráfico amplia o alcance da narrativa à medida que as ilustrações de Paulo Coruja, expressivas e bem-humoradas, dialogam diretamente com o texto, reforçando o contraste entre floresta e cidade e oferecendo novas camadas de interpretação. As cores vibrantes e o traço dinâmico instigam a imaginação, tornando visíveis tanto o caráter fantástico dos personagens quanto o olhar estrangeiro dos irmãos diante do mundo urbano. Texto e imagem se entrelaçam de forma coesa, produzindo uma experiência estética que favorece a imersão e o encantamento do leitor.

JUSTIFICATIVA DA SUBMISSÃO DA OBRA: RELEVÂNCIA E ALINHAMENTO À CATEGORIA INSCRITA

Mapin & Guari em uma jornada pela cidade, de Gustavo Rosseb, com ilustrações de Paulo Coruja, apresenta-se como uma obra de grande relevância para o PNLD Literário Equidade – Objeto 4, ao articular literatura de qualidade com reflexões fundamentais sobre cultura, pertencimento e equidade.

A narrativa se inicia com uma dor de dente, situação simples e reconhecível pelas crianças, mas conduz os leitores a um percurso simbólico que une tradição oral amazônica e experiências do cotidiano urbano. Nesse movimento, a obra cria pontes entre mundos, aproximando o universo mítico da floresta das vivências das crianças nos Anos Finais do Ensino Fundamental. As trocas entre os irmãos mapinguaris e os diferentes personagens que encontram ao longo da jornada convidam à reflexão sobre deslocamento, acolhimento e diversidade, valores diretamente relacionados à formação leitora e cidadã.

O alinhamento com a Categoria 5 – Populações do Campo, das Águas e das Florestas se revela desde a escolha de protagonistas oriundos da mitologia amazônica, em um resgate de cosmologias e tradições orais das populações da floresta que valoriza saberes ancestrais e reforça a importância da preservação ambiental. Ao mesmo tempo, a narrativa dialoga com temas universais, como a amizade, a curiosidade, o respeito às diferenças e a luta contra desigualdades sociais, exemplificada no encontro dos irmãos com uma menina em situação de fome. Esses aspectos tornam a obra uma ferramenta potente para discutir valores éticos, como empatia, solidariedade e justiça social.

Literariamente, a obra contribui para a compreensão da diversidade das comunidades do campo, das águas e das florestas, em sintonia com produções que dão visibilidade aos agricultores familiares, ribeirinhos, pescadores artesanais, povos da floresta e outros grupos que compõem o mosaico cultural do Brasil. Ao evocar ancestralidade, territorialidade e saberes tradicionais, a narrativa reafirma o papel da literatura como espaço de reconhecimento e valorização das múltiplas identidades que habitam o país.

No âmbito do PNLD Equidade, *Mapin & Guari em uma jornada pela cidade* se destaca por promover, com linguagem acessível e sensível, uma reflexão crítica sobre inclusão e diversidade, sem perder de vista o encantamento literário. A obra oferece aos educadores um material capaz de articular ludicidade e formação cidadã, ao mesmo tempo em que fortalece a construção de uma escola plural, comprometida com os direitos humanos e com a valorização das culturas das populações do campo, das águas e das florestas.

A IMPORTÂNCIA DA LEITURA DE OBRAS LITERÁRIAS NA ESCOLA E NAS BIBLIOTECAS (ESCOLARES, PÚBLICAS, COMUNITÁRIAS) E O LETRAMENTO LITERÁRIO

A leitura de obras literárias desempenha um papel central na formação do leitor e na ampliação do repertório cultural de estudantes, professores e comunidade escolar. A partir das contribuições teóricas de Vigotski e Bakhtin, bem como de estudos sobre a biblioteca escolar e a prática leitora, compreende-se que a mediação da leitura literária nas escolas deve ser planejada de modo a promover vivências significativas e mobilizadoras.

A biblioteca escolar, quando utilizada de forma adequada, se torna um espaço privilegiado

para o desenvolvimento dessas vivências. No entanto, apesar do reconhecimento de sua importância pelos docentes, muitas escolas ainda não possuem bibliotecas adequadas ou não as integram plenamente em suas propostas pedagógicas. Isso compromete o acesso dos estudantes à leitura literária e dificulta a construção de uma cultura leitora dentro do ambiente escolar.

Vigotski (2010, p. 6) concebe a vivência como um fenômeno indissociável entre a subjetividade do indivíduo e as condições externas que o rodeiam:

“A vivência é uma unidade na qual, por um lado, de modo indivisível, o meio, aquilo que se vivencia está representado – a vivência sempre se liga àquilo que está localizado fora da pessoa – e, por outro lado, está representado como eu vivencio isso, ou seja, todas as particularidades da personalidade e todas as particularidades do meio são apresentadas na vivência, tanto aquilo que é retirado do meio, todos os elementos que possuem relação com dada personalidade, como aquilo que é retirado da personalidade, todos os traços de seu caráter, traços constitutivos que possuem relação com dado acontecimento. Dessa forma, na vivência, nós sempre lidamos com a união indivisível das particularidades da personalidade e das particularidades da situação representada na vivência.”

A teoria de Vigotski enfatiza que a formação leitora ocorre em contextos sociais significativos, e a biblioteca escolar pode oferecer esse ambiente de interação, se bem aproveitada. O desafio está em garantir que esse espaço seja acessível e promova experiências literárias que engajem os leitores.

No campo dos letramentos literários, a leitura é compreendida como um ato interativo entre autor, texto e leitor. Bakhtin (1927, p. 4) destaca que “o artístico é uma forma especial de interrelação entre criador e contemplador fixada em uma obra de arte”. Essa interrelação ressalta a importância de promover atividades que incentivem a interpretação e a construção de sentido pelos leitores.

A literatura, ao estabelecer um diálogo com outras formas de expressão cultural, estimula uma compreensão ampla da realidade e possibilita ao leitor participar ativamente da construção dos sentidos do texto. Isso ocorre porque a linguagem literária se configura como um campo de interação dialógica, em que diferentes vozes e perspectivas se entrecruzam, enriquecendo a experiência do leitor. Ao serem inseridos nesse universo literário, professores e alunos passam a atuar como coautores na construção de sentidos, estabelecendo uma relação interativa com o texto e com outros leitores.

A mediação da leitura na escola deve ir além da simples transmissão de conteúdos curriculares, visando também a educação estética e a ampliação do repertório cultural dos estudantes. Desse modo, o papel do mediador de leitura é fundamental para que essas experiências se concretizem, proporcionando aos alunos oportunidades de interagir com textos literários de maneira significativa.

Para que a biblioteca escolar cumpra sua função na formação de leitores literários, algumas estratégias pedagógicas podem ser adotadas. Citamos a seguir alguns exemplos:

- **Criação de espaços de leitura:** Garantir que a biblioteca seja um ambiente acolhedor e acessível, promovendo atividades que estimulem o hábito da leitura, como rodas de leitura, clubes de livros e encontros com autores.
- **Mediação literária:** Incentivar práticas que favoreçam o diálogo entre leitores e textos, explorando diferentes interpretações e ampliando a experiência leitora por meio de discussões e atividades interativas.

- **Integração curricular:** Articular a leitura literária com outras disciplinas, estabelecendo conexões entre literatura, história, artes e outras áreas do conhecimento, favorecendo uma compreensão interdisciplinar dos textos.

- **Valoração da diversidade literária:** Ampliar o acervo da biblioteca com obras que contemplem diferentes gêneros, autores e perspectivas, promovendo a diversidade cultural e a representação de múltiplas vozes na literatura.

- **Formação continuada de professores e mediadores:** Oferecer capacitação para os docentes sobre estratégias de mediação da leitura e abordagem da literatura em sala de aula e na biblioteca.

- **Uso de novas tecnologias:** Explorar recursos digitais, como e-books, audiolivros e plataformas interativas, para ampliar o acesso à leitura e diversificar as práticas de mediação literária.

A formação de leitores literários requer um trabalho coletivo que envolva professores, bibliotecários, gestores e a comunidade escolar. O acesso à leitura de qualidade não deve ser visto apenas como um complemento ao currículo, mas como uma dimensão essencial da educação, capaz de ampliar horizontes e formar cidadãos críticos e reflexivos.

INDICAÇÕES PARA A EXPLORAÇÃO DA OBRA LITERÁRIA EM CONTEXTOS ESCOLARES, COM ESTRATÉGIAS DE MEDIAÇÃO E PROPOSTAS DE PRÁTICAS DE LEITURA LITERÁRIA EM AMBIENTES EDUCATIVOS E COMUNITÁRIOS

Indicação de idade, série e correlações possíveis em contextos escolares e bibliotecários

Mapin & Guari em uma jornada pela cidade, de Gustavo Rosseb, ilustrado por Paulo Coruja, é recomendado principalmente para estudantes do 6º e 7º anos do Ensino Fundamental – Anos Finais, na faixa etária de 11 a 13 anos. O texto combina humor, fantasia e crítica social, aproximando-se da sensibilidade dessa fase, em que as crianças começam a refletir mais sobre pertencimento e identidade. Em contextos escolares e bibliotecários, pode ser explorado em diálogo com Língua Portuguesa, História, Geografia, Ciências, Arte, Projeto de Vida e Educação Socioemocional, ampliando a leitura para além da literatura e conectando-a a diferentes áreas do conhecimento.

Em contextos escolares

No ambiente escolar, a obra pode ser usada em projetos interdisciplinares que abordem o folclore brasileiro, a valorização das culturas da floresta, os impactos da urbanização e a convivência entre modos de vida distintos. Rodas de conversa, dramatizações, recontos orais ou escritos, murais coletivos e oficinas de criação de novos personagens lendários podem ser estratégias eficazes para estimular a participação dos estudantes. A leitura também contribui para o desenvolvimento socioemocional ao promover empatia, respeito e escuta sensível.

Em bibliotecas públicas e comunitárias

Em bibliotecas públicas ou comunitárias, a obra favorece encontros de leitura intergeracionais e projetos de cultura de paz, em que a troca de experiências entre crianças, jovens e adultos amplia a compreensão sobre diversidade e convivência. A mediação pode incluir contações de histórias, oficinas artísticas, encenações coletivas ou a construção de murais e painéis que registrem a jornada dos protagonistas. Essas práticas ampliam o alcance do livro como instrumento de reflexão cultural e de fortalecimento da comunidade leitora.

Sugestões de mediação em três momentos: pré-leitura, leitura e pós-leitura

Na pré-leitura, o(a) educador(a) mediador(a) pode explorar a capa e o título do livro, convidando os alunos a observar os detalhes e levantar hipóteses sobre quem são os personagens e o que poderão encontrar na cidade. Perguntas como “Quem vocês acham que são Mapin e Guari? Por que eles aparecem juntos na capa?”, “Na capa vemos elementos da floresta e da cidade; o que vocês acham que pode acontecer quando esses dois mundos se encontram?” ou “Vocês acham que os personagens serão bem recebidos na cidade? Por quê?” ajudam a iniciar a conversa sobre o enredo. Para ativar memórias e repertórios prévios, o(a) mediador(a) pode perguntar: “Vocês já ouviram histórias contadas por avós, pais ou vizinhos?”, “Quais tradições da sua comunidade vocês conhecem?” ou “De que outros personagens do folclore brasileiro vocês já ouviram falar? Onde costumam viver esses personagens – na floresta, nos rios, nas cidades?”. Como atividade, pode-se pedir que os alunos desenhem ou relatem personagens folclóricos ou costumes que conhecem, imaginando inclusive como eles se comportariam em uma cidade, e formar um mural coletivo chamado Saberes e Tradições da Nossa Gente.

Durante a leitura, a voz em alta do(a) educador(a) mediador(a) pode ser intercalada com pausas estratégicas a cada episódio da jornada. Nessas pausas, perguntas norteadoras podem incentivar a reflexão e a escuta: “O que aconteceu aqui?”, “Esse personagem lembra alguém de outra história?”, “O que Mapin e Guari estão aprendendo?”, “Que sentimentos estão presentes nesta cena?”, “De que maneira a história fala sobre identidade cultural e pertencimento?”, “O que a narrativa nos mostra sobre preservação ambiental?”, “Onde aparece a fome e o que ela representa?”, “Que desigualdades sociais estão sendo apresentadas?”, “Como os personagens demonstram empatia entre si e com os outros?”. As respostas podem ser registradas em desenhos, palavras ou frases curtas, que depois poderão compor um painel visual chamado A Jornada de Mapin e Guari, reforçando tanto a sequência narrativa quanto os valores éticos e sociais abordados pela obra.

Na pós-leitura, a mediação pode aproximar a narrativa da experiência cotidiana dos leitores, estimulando conexões entre a ficção e a realidade. Uma proposta é convidar cada criança a desenhar ou escrever sobre algo de sua rua ou bairro que mostraria a Mapin e Guari caso eles visitassem sua comunidade, formando um mural coletivo intitulado Nossa Jornada pela Cidade. Outra possibilidade é resgatar brincadeiras e cantigas populares, como a ciranda ou “Escravos de Jó”, criando um momento compartilhado de cultura, memória e celebração. Essas práticas ampliam a experiência literária, valorizam o território de cada criança e fortalecem laços de pertencimento, empatia e respeito mútuo.

Explorar *Mapin & Guari em uma jornada pela cidade* em diferentes contextos educativos e comunitários significa oferecer às crianças mais do que uma leitura divertida: é dar a elas a chance de se reconhecerem na literatura, de aprenderem com a diversidade cultural e de refletirem sobre direitos humanos, empatia e convivência. A obra abre espaço para práticas de mediação que unem imaginação, sensibilidade e cidadania, mostrando que a leitura literária vai além do desenvolvimento de habilidades: trata-se de formar sujeitos críticos, empáticos e conscientes.

A seguir, serão apresentadas três atividades completas que podem e devem ser adaptadas de acordo com o nível e o perfil dos estudantes, lembrando que cada mediação é única e ganha vida no encontro entre o livro, o mediador e o grupo leitor.

ATIVIDADES

SUGESTÃO DE ATIVIDADE 1: RAÍZES EM VOZ ALTA

Objetivos:

Valorizar as histórias de vida das crianças e de suas comunidades, reconhecendo identidades, tradições e saberes locais; fortalecer autoestima e pertencimento; promover empatia e respeito às diferenças; aproximar a ficção de experiências reais por meio de escuta, fala, leitura de imagens e criação artística.

BNCC e princípios da Equidade:

A proposta articula-se às competências gerais da Base Nacional Comum Curricular que tratam do desenvolvimento da sensibilidade estética, da valorização da diversidade cultural, do exercício da empatia e da participação social. Trabalha os eixos de leitura, oralidade e produção em Língua Portuguesa, dialoga com Arte, História, Geografia e Projeto de Vida e aproxima a literatura da formação integral dos estudantes. No âmbito do PNLD Literário Equidade, está vinculada à Categoria 5, por valorizar culturas, cosmologias e tradições das populações do campo, das águas e das florestas, promovendo o debate sobre direitos humanos, reconhecimento das diferenças, pertencimento e cidadania ativa.

Como fazer:

1. Preparação: Disponibilize *Mapin & Guari em uma jornada pela cidade*, papéis, lápis, giz de cera ou canetinhas e cartolina para o mural. Organize o espaço em roda para favorecer a escuta.

2. Leitura disparadora: Leia trechos que evidenciam deslocamento, coragem e orgulho das origens dos protagonistas. Convide os estudantes a comentar rapidamente o que sentiram e reconhecer situações parecidas em suas vivências.

3. Roda de conversa: Proponha perguntas abertas, como “em que momentos você ou alguém da sua comunidade já foi visto de forma estranha por causa dos modos de falar, vestir, viver ou celebrar?”, “que tradições da sua família contam quem você é?”, “quais saberes do seu território te dão força?”. Garanta tempo de fala para todos e acolha diferentes formas de expressão.

4. Criação do registro: Cada estudante deverá fazer um desenho e escrever uma frase curta que represente sua origem, sua força ou uma tradição da comunidade. Exemplos possíveis incluem um rio, uma árvore, um peixe, um instrumento, uma festa, um alimento, um ofício.

5. Mural coletivo: Organize as produções em uma cartolina com o título *Nossas Raízes, Nossas Forças*. Combine uma pequena apresentação de cada autoria para a turma ou para outras turmas.

6. Encerramento e avaliação formativa: Convide a turma a comentar o que aprendeu sobre si e sobre os colegas e que pontes a história ajudou a construir entre floresta, cidade e comunidade. Registre palavras-chave que sintetizem descobertas do grupo.

7. Acessibilidade e inclusão: Ofereça pranchas de comunicação, ampliamentos, materiais táteis e audiodescrição de imagens quando necessário. Permita registros orais em vez de escritos para quem precisar.

Possíveis intervenções sociais:

Organize uma pequena mostra do mural na escola ou na biblioteca, convidando famílias, avós e lideranças locais para uma roda de histórias. Produza um mapa afetivo do bairro com pontos de memória indicados pelos estudantes para compor um painel intitulado Nossa Jornada pela Cidade. Registre depoimentos curtos em áudio ou vídeo, com autorização dos responsáveis legais de cada estudante, e compartilhe em canais institucionais para valorizar saberes do território. Quando fizer sentido, conecte a ação a uma campanha de fortalecimento da biblioteca escolar com doação e circulação de livros que representem as culturas locais.

SUGESTÃO DE ATIVIDADE 2: CORO DA FLORESTA: JOGRAL DE MAPIN E GUARI

Objetivos:

Desenvolver oralidade, expressão corporal e musicalidade por meio de leitura dramatizada em jogral. Explorar ritmo, pausas e entonação como recursos de sentido. Valorizar referências culturais das populações do campo, das águas e das florestas, fortalecendo empatia, cooperação e respeito às diferenças. Ampliar repertório estético com sons da natureza e da cultura popular.

BNCC e princípios da Equidade:

Articula oralidade, leitura e apreciação estética em Língua Portuguesa e Arte, favorecendo repertório cultural, comunicação, argumentação e trabalho coletivo. Promove equidade ao reconhecer saberes tradicionais, pluralidade de vozes, acessibilidade comunicacional e participação ativa de todos os estudantes, com foco em direitos humanos, respeito e cultura de paz.

Como fazer:

1. Preparação: Organize um semicírculo e disponibilize o livro *Mapin & Guari em uma jornada pela cidade*, papéis grandes para anotar falas e objetos sonoros simples como sementes, galhos secos, potes e pedras.

2. Aquecimento: Proponha exercícios curtos de respiração, articulação de vogais e criação de paisagens sonoras com corpo e objetos, imitando vento, chuva, passos na mata e sons de água.

3. Leitura disparadora: Leia trechos selecionados do livro com entonação viva, evidenciando sentimentos presentes na narrativa como saudade, alegria, medo e coragem. Convide a turma a repetir pequenas frases em eco para perceber ritmo e pausa.

4. Coleta de falas: Com a classe, escolha frases curtas do livro que expressem descoberta, deslocamento e pertencimento. Anote-as em cartazes legíveis. Se necessário, crie paráfrases fiéis ao sentido do texto para facilitar o jogral.

5. Trilha rítmica: Defina sinais sonoros para marcar mudanças de cena, como sopro para vento, estalo de dedos para chuva, batida de mãos no peito para tambor de chão. Combine entradas coletivas, respostas em coro e momentos solo.

6. Montagem do jogral: Divida a turma em pequenos grupos como Coro da Floresta, Coro da Cidade e Narradores. Ensaíem alternando falas, ecos e sons, cuidando da projeção de voz, da clareza e das pausas. Ajuste velocidade e volume para tornar o sentido compreensível e envolvente.

7. Apresentação e registro: Realize uma apresentação em roda para outra turma ou famílias. Registre em áudio ou vídeo com autorização. Ao final, faça uma conversa breve sobre o que cada grupo sentiu ao emprestar a própria voz às vozes da história.

8. Acessibilidade: Preveja legenda simples das falas em cartaz visível, apoio de intérprete de Libras quando disponível, descrição verbal das ações e opção de participação como responsável pelo ritmo, pelos cartazes ou pelo registro para quem preferir menos exposição.

Possíveis intervenções sociais:

Organize um pequeno sarau Coro da Floresta aberto à comunidade, integrando roda de cantigas e relatos de memórias locais. Disponibilize a gravação do jogral na rádio escolar ou em um *podcast* da escola. Convide mestres de tradição oral do território para comentar ritmos e histórias. Em parceria com a biblioteca, monte uma escuta pública com fones e um painel que apresente as frases escolhidas pela turma, valorizando o direito de todos a falar e a ser ouvidos.

SUGESTÃO DE ATIVIDADE 3: A CANOA DAS PALAVRAS QUE ACOLHEM

Objetivos:

Incentivar atitudes de acolhimento e respeito às diferenças; desenvolver empatia, escuta sensível e senso de pertencimento; reconhecer e valorizar saberes, gestos e memórias das comunidades dos estudantes; aproximar a ficção da experiência vivida por meio de oralidade, leitura de imagens e criação coletiva.

BNCC e princípios da Equidade:

A atividade se articula às competências gerais da Base Nacional Comum Curricular que envolvem a oralidade, a leitura e a produção em Língua Portuguesa, além dos componentes de Arte, História, Geografia e Projeto de Vida. Também dialoga com a Categoria 5 do PNLD Literário Equidade ao valorizar as culturas, cosmologias e tradições das populações do campo, das águas e das florestas, promovendo os direitos humanos, a diversidade cultural, a cultura de paz e a inclusão. Prevê ainda acessibilidade comunicacional e múltiplas formas de expressão, de modo a garantir a participação de todos os leitores.

Como fazer:

1. Preparação e disparador: Após a leitura de *Mapin & Guari em uma jornada pela cidade*, organize a turma em roda. Retome passagens em que os protagonistas foram acolhidos ou estranharam a cidade e convide o grupo a comentar como a escola e o bairro recebem quem chega de outro lugar. Leve para a roda os seguintes materiais: cartolina grande ou caixa para a canoa, papéis coloridos, lápis, revistas para recorte, cola e tesoura.

2. A canoa simbólica: Apresente uma canoa desenhada na cartolina ou uma caixa decorada. Explique que ela será preenchida com palavras, gestos e saberes que ajudam a acolher o outro. Se possível, represente um rio no chão com tecido azul para ambientar a ação.

3. Criação das contribuições: Cada estudante deverá escolher um item para colocar na canoa: uma palavra gentil, uma lembrança da comunidade, um gesto tradicional, uma pequena receita, uma cantiga, uma dança ou um desenho que represente acolhimento. Quem preferir poderá ditar a palavra ao mediador, usar pictogramas ou registrar em áudio.

4. Partilha e escuta: Em roda, cada estudante deverá apresentar o que colocou na canoa e por quê. O mediador será responsável por incentivar conexões entre as falas, destacando como diferentes culturas do território acolhem quem chega e que valores aparecem nesses gestos.

5. Sistematização e compromisso: Registre coletivamente um quadro de palavras-chave e um pequeno “Manifesto do Acolhimento” da turma, com combinados para receber bem novos colegas. Exponha a canoa e os registros em um espaço comum da escola ou biblioteca.

6. Acessibilidade e inclusão: Ofereça ampliação de fontes, pranchas de comunicação, audiodescrição das imagens, opção de resposta oral e apoio de intérprete de Libras quando disponível. Permita que alguns estudantes contribuam cuidando da organização, do registro ou da curadoria da exposição.

Possíveis intervenções sociais:

Monte a instalação A Canoa das Palavras que acolhem na biblioteca e convide famílias, avós, ribeirinhos, mestres de tradição oral e lideranças comunitárias para acrescentar palavras e gestos. Produza um mapa afetivo do acolhimento no bairro com lugares e pessoas que recebem bem quem chega. Publique o Manifesto do Acolhimento nos canais da escola, vincule a ação a campanhas de boas-vindas a estudantes migrantes ou recém-chegados e promova uma roda intergeracional de cantigas, receitas e histórias, fortalecendo vínculos de cuidado e respeito.

INDICAÇÕES PARA A EXPLORAÇÃO DA OBRA LITERÁRIA EM BIBLIOTECAS PÚBLICAS E COMUNITÁRIAS E SUA POTENCIALIDADE PARA O TRABALHO COM O LETRAMENTO LITERÁRIO

A obra *Mapin & Guari em uma jornada pela cidade* oferece ao(à) educador(a) mediador(a) de leitura um campo fértil para práticas em bibliotecas públicas e comunitárias, espaços que acolhem públicos diversos, com diferentes trajetórias de letramento, idades e experiências culturais. Nesses ambientes, o texto e as ilustrações dialogam diretamente com a oralidade e com a imaginação, favorecendo momentos de escuta coletiva, partilha de sentidos e construção conjunta de significados.

As ilustrações vibrantes e expressivas ampliam a compreensão do enredo, convidando o grupo a observar detalhes, interpretar gestos e expressões e relacionar ficção e vida. O contraste entre floresta e cidade pode ser trabalhado não apenas pela leitura, mas também por meio de linguagens múltiplas: o corpo em dramatizações, o som em jogos rítmicos e musicais, a memória em rodas de lembranças de tradições locais, a ilustração em murais ou oficinas de criação de novos personagens. Assim, o livro se torna um elo entre o imaginário mítico amazônico e as experiências cotidianas das comunidades leitoras.

Para o trabalho com o letramento literário, a narrativa promove uma multiplicidade de interpretações: cada grupo pode identificar novos sentidos nos encontros de Mapin e Guari, seja refletindo sobre acolhimento, saúde, desigualdade ou pertencimento cultural. A leitura literária, nesse contexto, deixa de ser apenas uma habilidade técnica e se transforma em experiência estética e sensível, em que a escuta e a imaginação são mobilizadas como forças de aprendizado e convivência.

Bibliotecas comunitárias e públicas podem explorar a obra em clubes de leitura que reúnam crianças, jovens e adultos; em rodas intergeracionais, em que avós e netos compartilhem memórias e tradições; em oficinas temáticas de artes visuais, música e teatro inspiradas na jornada dos personagens; em tertúlias literárias e saraus que aproximem diferentes vozes da comunidade; ou ainda em projetos culturais maiores, como festivais ou pequenas encenações teatrais. Essas práticas, quando realizadas em diálogo com o território, fortalecem a biblioteca como espaço de encontro, inclusão e cultura de paz.

Ao oferecer uma narrativa que mistura humor, mito e crítica social, *Mapin & Guari em uma jornada pela cidade* possibilita ao(à) mediador(a) criar experiências literárias significativas que respeitam a diversidade dos públicos e estimulam o exercício da empatia e do reconhecimento das diferenças como riqueza.

A seguir, apresentamos dois projetos de mediação que podem ser adaptados de acordo com o perfil dos leitores, os espaços disponíveis e os objetivos de cada instituição.

PROJETO 1: A VIAGEM DE MAPIN E GUARI: ENTRE FLORESTA E CIDADE

Objetivos: Promover a empatia e o respeito por diferentes modos de vida a partir da jornada dos protagonistas; estimular a escuta sensível e o diálogo em grupo; desenvolver a expressão artística e oral dos participantes por meio de múltiplas linguagens; refletir sobre convivência, acolhimento e valorização da diversidade cultural presente nas comunidades.

Idade recomendada: A partir de 10 anos, abrangendo não apenas estudantes do 6º e 7º anos do Ensino Fundamental, mas também jovens, adultos e idosos em contextos comunitários, bibliotecas públicas e espaços de leitura intergeracionais.

Princípios da Equidade: O projeto contempla os princípios da inclusão e do acolhimento, ao criar espaço para que todos os participantes expressem suas memórias, saberes e vivências; valoriza a diversidade cultural, dando visibilidade às cosmologias e tradições das populações do campo, das águas e das florestas; fortalece o pertencimento, ao aproximar ficção e realidade; e reafirma a justiça social, ao propor reflexões sobre desigualdade, deslocamento e direitos humanos, estimulando atitudes de respeito às diferenças.

Justificativa: A proposta nasce da obra *Mapin & Guari em uma jornada pela cidade*, inscrita na Categoria 5 – Populações do Campo, das Águas e das Florestas, e no gênero fábulas, lendas e mitos. O deslocamento dos protagonistas e seus encontros com personagens diversos favorecem debates sobre identidade, cultura, saúde, desigualdade social e acolhimento. O projeto busca transformar essa experiência literária em vivência comunitária, em que a literatura se torna ferramenta de formação estética, sensível e cidadã.

Cronograma: O projeto pode ser desenvolvido em quatro encontros semanais de aproximadamente 1h30 cada, permitindo tempo para leitura, diálogo, atividades artísticas e partilhas coletivas. Também pode ser adaptado em formato intensivo de um ou dois dias em oficinas abertas em escolas ou bibliotecas.

Metodologia: Serão utilizadas estratégias de mediação literária participativa, com leitura em voz alta, rodas de conversa e dramatizações. As atividades criativas incluirão produção de murais coletivos, jogos de oralidade, ilustrações e registros audiovisuais. A proposta valoriza a construção de sentidos em grupo, a escuta intergeracional e a liberdade de expressão em diferentes linguagens, como corpo, música, desenho e escrita.

Etapas sugeridas

1. Pré-leitura: Observação da capa e conversa inicial sobre tradições orais, lendas locais e memórias familiares, ativando repertórios prévios.

2. Leitura compartilhada: Leitura dramatizada de trechos selecionados do livro, com pausas para comentários e perguntas norteadoras, incentivando a escuta e a construção coletiva de sentidos.

3. Diálogo e reflexão: Roda de conversa sobre os sentimentos dos personagens e paralelos com experiências de acolhimento e deslocamento na comunidade.

4. Criação coletiva: Elaboração de um mural intitulado “Nossa Jornada entre Floresta e Cidade”, reunindo desenhos, frases, símbolos e músicas que expressem raízes culturais e formas de acolher o outro.

5. Partilha pública: Apresentação do mural, de pequenos jograis ou dramatizações inspiradas no livro para familiares, outras turmas ou membros da comunidade.

Possíveis desdobramentos sociais: A atividade pode gerar a criação de um Sarau Comunitário com contação de histórias e cantigas tradicionais, oficinas abertas para registro de memórias e saberes locais, campanhas de valorização cultural (como murais permanentes ou exposições em bibliotecas) e projetos intergeracionais em que avós e netos compartilhem lendas, músicas e práticas culturais. A canoa simbólica de acolhimento ou os painéis coletivos produzidos podem se tornar símbolos da escola ou biblioteca, estimulando uma cultura de paz, respeito e pertencimento no território.

PROJETO 2: ENCANTOS DA MATA: TEATRO DE LENDAS AMAZÔNICAS

Objetivos: Estimular a expressão corporal e a oralidade das crianças por meio da encenação de lendas amazônicas, despertando o interesse pelas narrativas folclóricas e pelos elementos simbólicos da floresta; favorecer a criatividade e o trabalho em grupo, ampliar o repertório cultural a partir da tradição oral; fortalecer valores de empatia, pertencimento e respeito à diversidade cultural brasileira.

Idade recomendada: A partir de 10 anos, abrangendo turmas do Ensino Fundamental – Anos Finais e grupos de atividades comunitárias intergeracionais em bibliotecas públicas, centros culturais ou espaços coletivos.

Princípios da Equidade: O projeto contempla os princípios da diversidade e da inclusão ao valorizar cosmologias e personagens da floresta que tradicionalmente ficam à margem do currículo escolar. Além disso, incentiva o pertencimento, a justiça social e o respeito às diferenças, ao aproximar os estudantes de narrativas que refletem modos de vida do campo, das águas e das florestas. Por fim, estimula o acolhimento e a cooperação, pois a encenação teatral é construída coletivamente, respeitando a voz e o talento de cada participante.

Justificativa: A proposta está diretamente vinculada à obra *Mapin & Guari em uma jornada pela cidade*, que pertence ao gênero fábulas, lendas e mitos e à Categoria 5 do PNLD Literário Equidade. O teatro, como linguagem artística, amplia o impacto da leitura literária, transformando o enredo em experiência sensível, estética e social. Ao encenar trechos do livro e outras lendas amazônicas, as crianças não apenas conhecem personagens míticos, mas também refletem sobre acolhimento, deslocamento, meio ambiente e convivência entre culturas, fortalecendo sua formação leitora e cidadã.

Cronograma: Sugere-se a realização em quatro encontros de 1h30 cada, divididos entre leitura, preparação, ensaio e apresentação. Pode ser adaptado como oficina intensiva em dois dias ou como projeto estendido em um semestre, culminando em uma mostra cultural.

Metodologia: A proposta une leitura compartilhada, rodas de conversa, jogos teatrais e oficinas de expressão corporal. As crianças exploram a obra e outras narrativas amazônicas, selecionam trechos significativos, criam falas e improvisações, produzem cenários simples com materiais acessíveis e ensaiam uma encenação a ser apresentada para colegas, familiares ou comunidade.

Etapas sugeridas

1. Aproximação literária: Leitura compartilhada de *Mapin & Guari em uma jornada pela cidade* e apresentação de outras lendas amazônicas. Conversa inicial sobre os personagens e seus simbolismos.

2. Criação coletiva: Seleção dos trechos ou lendas que serão encenados, divisão dos papéis e produção colaborativa de falas, movimentos e sons.

3. Ensaios e experimentação: Jogos de corpo e voz, exploração de sons da floresta, improvisações em grupo e construção de pequenos objetos cênicos ou adereços.

4. Apresentação pública: Encenação aberta em formato de roda ou pequena peça teatral para a comunidade escolar, familiares ou público da biblioteca.

5. Partilha final: Roda de conversa sobre os aprendizados e registros em mural, diário coletivo ou vídeo.

Possíveis desdobramentos sociais: O projeto pode gerar apresentações culturais abertas em bibliotecas, praças ou eventos comunitários, fortalecendo a cultura local e o orgulho das tradições populares. Pode ainda originar oficinas de teatro e contação de histórias, festivais escolares temáticos ou projetos intergeracionais em que mestres da tradição oral compartilhem saberes com os jovens. Dessa forma, a obra se expande para além do espaço da escola, tornando-se instrumento de valorização cultural, cidadania e identidade.

MATERIAIS COMPLEMENTARES PARA MEDIAÇÃO

Para ampliar o repertório de mediação da obra *Mapin & Guari em uma Jornada pela Cidade*, indicamos a seguir livros, vídeos, *podcasts* e artigos que dialogam com as questões tratadas na narrativa. Esses materiais aprofundam o conhecimento dos leitores, podendo ser usados em sala de aula ou em espaços comunitários como apoio a reflexões e discussões. Estão disponíveis em buscadores e acervos digitais, e no caso de vídeos e *podcasts*, geralmente em plataformas de *streaming* ou canais educativos de acesso gratuito.

PODCASTS

Deixa Que Eu Conto – para cada criança (UNICEF)

Podcast com histórias e brincadeiras voltado à educação infantil e aos anos iniciais do ensino fundamental. Conta com 20 episódios dedicados à inclusão, narrados por pessoas com deficiência, estimulando reflexões sobre respeito às diferenças. Os conteúdos são acessíveis e envolvem histórias, músicas e brincadeiras.

Onde ouvir: Site UNICEF

Pavulagem – Contos da Floresta

Produzido por Maickson Serrão, educador da Região Norte, o *podcast* apresenta lendas amazônicas como Curupira (Mãe da Floresta), Jurupari, Cobra Grande e Iara. Cada episódio conta com a participação de narradores ribeirinhos e indígenas, valorizando a cultura oral amazônica.

Onde ouvir: *Spotify*

Conto Ribeirinho

Desenvolvido em parceria entre o projeto IFNOPAP (UFPA, Belém) e a produtora cultural Na Cuia, este podcast traz narrativas orais da região amazônica coletadas junto a populações ribeirinhas e indígenas, resgatando memórias e mitos tradicionais.

Onde ouvir: *Spotify*

VÍDEOS

Relato de Luis Pirarara sobre o Mapinguari

Neste episódio, o piloto Luis Pirarara compartilha um testemunho a bordo do Barco Marruá, enquanto sobe o Rio Negro. O programa apresenta elementos da cultura amazônica e convida a refletir sobre o valor das tradições orais ribeirinhas.

Onde assistir: *YouTube*

O Grito na Floresta: A Lenda do Terrível Mapinguari

No canal O Griot Amazônico, um ancião evoca a lenda do Mapinguari, criatura de força descomunal e grito ensurdecedor. Mais do que um monstro, o Mapinguari surge como símbolo da fúria da floresta diante da destruição, funcionando como metáfora sobre a preservação ambiental. O episódio é uma ferramenta valiosa para trabalhar mitologia indígena, oralidade e consciência ecológica em sala de aula.

Onde assistir: *YouTube*

ARTIGOS

Comunidades Ribeirinhas na Amazônia: organização sociocultural e política (Interações, 2016)

Estudo sobre a estrutura social das comunidades ribeirinhas, enfocando organização sociocultural, acesso a recursos, economia local e sua dimensão política como populações tradicionais.

Onde ler: *Interações*

Mudanças nos Meios de Vida dos Ribeirinhos (Igarapé-Miri/PA)

Artigo publicado na *Amazônica – Revista de Antropologia* que investiga como a mercantilização do açaí transformou os modos de vida dos ribeirinhos em Igarapé-Miri, no Pará. A pesquisa, baseada em entrevistas e observação de campo, mostra os impactos dessa demanda crescente na relação com a natureza, apontando novas oportunidades e vulnerabilidades socioeconômicas.

Onde ler: *Amazônica – Revista de Antropologia*

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS COMENTADAS

BAKHTIN, Mikhail. *Dialogismo e construção do sentido*. Campinas: Editora da UNICAMP, 1997. Obra fundamental para compreender os conceitos de dialogismo e interação na teoria de Mikhail Bakhtin, reunindo análises que articulam crítica literária, linguística e estética. Indispensável para educadores e pesquisadores que desejam aprofundar reflexões sobre linguagem, literatura e construção de sentidos no processo de leitura.

BRASIL. *Base Nacional Comum Curricular*. Brasília: MEC, 2018.

Referência normativa que define competências e habilidades para toda a educação básica, incluindo a literatura como experiência estética, crítica e formativa.

CHIARADIA, Kátia Nelsina Pereira. *A BNCC e o campo de atuação artístico-literário: o espaço aos estudos literários no ensino fundamental*. Revista Terceira Margem, Rio de Janeiro, v. 25, 2021. Analisa como a BNCC organiza o espaço da literatura no currículo, discutindo limites e possibilidades para o ensino literário.

COLOMER, Teresa. *Andar entre livros: a leitura literária na escola*. Tradução de Laura Sandroni. São Paulo: Global, 2007.

Obra de referência que defende a importância da escola no acesso à literatura e no desenvolvimento da leitura crítica.

COSSON, Rildo. *Letramento literário: teoria e prática*. São Paulo: Contexto, 2014.

Fundamental para o campo da mediação, propõe sequências de leitura e fundamenta a prática do letramento literário.

FREIRE, Paulo. *A importância do ato de ler: em três artigos que se completam*. São Paulo: Cortez, 1989.

Clássico da pedagogia crítica, relaciona a leitura da palavra à leitura do mundo, defendendo o caráter emancipador da leitura.

FURINI, Ana Carolina. *A mediação da leitura literária: caminhos para a formação do leitor*. São Paulo: XYZ, 2019.

Estudo atual que apresenta propostas de mediação voltadas para a formação de leitores autônomos e críticos.

GIROTTI, Claudia; SOUZA, Rogério de Almeida. *Letramento literário e formação do leitor: uma abordagem discursiva*. Educação em Revista, Belo Horizonte, v. 26, n. 3, p. 315-334, 2010.

Artigo que defende a leitura como prática discursiva e propõe a valorização da interação entre texto, leitor e contexto.

KLEIMAN, Angela. *Letramentos: múltiplos, plurais*. Campinas: Pontes, 1995.

Obra pioneira que amplia a noção de letramento, reconhecendo as múltiplas práticas sociais de leitura e escrita.

LAJOLO, Marisa. *Do mundo da leitura para a leitura do mundo*. São Paulo: Ática, 1993.

Texto clássico que mostra a leitura como prática social e cultural, articulando literatura, crítica e cidadania.

MAGRON, Neiva Garcia; BARRETO, Simone Lea Marques; FECCHIO, Miguel. *Uma experiência de leitura em três momentos*. Akrópolis, Umuarama, 2004.

Relato de experiência que sistematiza a prática da leitura em três etapas: antes, durante e depois da leitura, modelo amplamente usado em mediações.

MARTINS, Maria Helena. *O que é leitura?* São Paulo: Brasiliense, 2006.

Introdução ao tema da leitura em suas múltiplas dimensões – individual, social e cultural –, voltada à formação crítica do leitor.

SCHEFFER, Ana Maria Moraes; OLIVEIRA, Márcia Mariana Santos de. *A biblioteca escolar e a literatura: reflexões sobre a formação de leitores em um curso de extensão*. [S. l.: s. n.], [s. d.].

Estudo que discute o papel da biblioteca escolar como espaço de formação leitora e a importância da mediação nesse processo.

VIGOTSKI, Lev Semionovich. *Psicologia pedagógica*. 3. ed. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2010.

A obra apresenta o conceito de vivência (*perejivanie*) como integração entre subjetividade e contexto social, oferecendo fundamentos para compreender o papel da escola e da mediação pedagógica na formação dos estudantes.